

A Inteligência Emocional como preditora da Felicidade

WESLEY RICARDO DE SOUZA FREITAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)

LEANDRA BARBOSA DA SILVA FREITAS

A Inteligência Emocional como preditora da Felicidade

Resumo

A felicidade, popularmente um conceito abstrato e complexo, é um anseio de todo ser humano. Este artigo tem como objetivo identificar na literatura pesquisas acadêmicas que evidenciaram a importância da inteligência emocional para a promoção da felicidade. A partir de uma revisão sistemática da literatura, identificou-se todos os artigos científicos publicados nas bases dados, a Web of Science e a Scopus, que investigaram sobre “emotional intelligence” cruzando com a palavra-chave “happiness”, resultando em 31 artigos para análise. Os resultados indicaram que a inteligência emocional é preditora da felicidade. Na maioria dos artigos analisados, pode-se constatar que a inteligência emocional é um requisito fundamental para gerar a experiência de felicidade.

Palavras-chave: Emoções. Felicidade. Bem-estar subjetivo. Satisfação com a vida.

Emotional Intelligence as a predictor of Happiness

Abstract:

Happiness, popularly an abstract and complex concept, is a desire of every human being. This article aims to identify academic research in the literature that has shown the importance of emotional intelligence for the promotion of happiness. From a systematic review of the literature, we identified all scientific articles published in the databases, the Web of Science and Scopus, which investigated about "emotional intelligence" crossing with the keyword "happiness", resulting in 31 articles for analysis. The results indicated that emotional intelligence is a predictor of happiness. In most of the articles analyzed, it can be seen that emotional intelligence is a fundamental requirement to generate the experience of happiness.

Keywords: Emotions. Happiness. Subjective well-being. Satisfaction with life.

1 Introdução

Um mundo globalizado, dinâmico, incerto e altamente volátil com inúmeras incertezas, como a pandemia, o conflito bélico entre países, o surgimento de inovações tecnológicas, a escassez de recursos naturais e de matérias primas, vem provocando mudanças na sociedade, impactando os processos produtivos e transformações na vida cotidiana e na percepção de como as pessoas percebem a felicidade, e principalmente, como buscá-la, como ser feliz?

Nesse cenário, embora a economia global esteja fundamentada em valores materialistas, relacionando a felicidade com aspectos da saúde, da riqueza e da qualidade de vida no trabalho, outros aspectos como relacionamento com a família, a espiritualidade e a sensação de segurança e justiça declinaram (Aydin, 2012).

No prisma ambiente organizacional, há evidências de que a felicidade das pessoas proporciona uma fonte de vantagem competitiva, isto é, um funcionário feliz tem mais motivação, mais disposição e mais engajamento, comportamentos que podem levar a um aumento da produtividade (Wright; Cropanzano, 2004). Conseqüentemente, a forma com os líderes e administradores dispõem e/ou configuram a gestão de pessoas contribui para a

promoção do bem-estar e da felicidade dos colaboradores nas organizações (Budde; Silva, 2020).

Sabendo que pessoas felizes geram melhores resultados, pode-se afirmar que não é o sucesso que leva a felicidade, mas é a felicidade que promove o sucesso. Logo, pessoas felizes possuem atributos, recursos e habilidades que resultam em comportamentos e pensamentos paralelos ao sucesso e à prosperidade culturalmente valorizados (Lyubomirsky, Diener, 2005).

Um aspecto importante para a experiência da felicidade é a inteligência emocional. A inteligência emocional pode interferir na performance de líderes e da sua equipe e na satisfação com o trabalho (Wong; Law, 2002), bem como pode ser preditora para a felicidade (Chamorro-Premuzic et al. 2007; Veloso-Besio et al. 2013). Nesse sentido, a inteligência emocional é um construto que tem atraído cada vez mais a atenção de estudiosos e pesquisadores da felicidade nos últimos anos (Zacher; Mckenna; Rooney, 2013).

Assim, a questão que norteia essa pesquisa é: A inteligência emocional é preditora da felicidade? Para obter essa resposta, o objetivo consiste em identificar na literatura pesquisas que evidenciando a importância da inteligência emocional a promoção da experiência de felicidade.

Este artigo está estruturado em quatro partes, além desta introdução. Na seção 2, na fundamentação teórica, foram apresentados os construtos “inteligência emocional” e “felicidade”. Na seção 3, apresenta-se os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa. Na seção 4, são apresentados os resultados e a discussão e por fim, na seção 5, são apresentadas as considerações finais deste estudo.

2 Referencial Teórico

2.1 Inteligência Emocional

O interesse em estudar a inteligência emocional (IE) cresceu dramaticamente ao longo do final da década de 1990, impulsionado pela popularização do tema (Mayer; Roberts; Barsade, 2008), a partir da publicação do livro “Emotional Intelligence” de Daniel Goleman em 1995 (Schutte et al., 1998).

A inteligência emocional é referida como a capacidade de reconhecer e usar informações emocionais nas interações sociais (Grandey, 2000), a partir da racionalização das emoções para aprimorar o pensamento e os resultados (Mayer; Roberts; Barsade, 2008). Por exemplo, pensando no ambiente educacional, altos níveis de inteligência emocional por parte de um professor significam em uma melhor aprendizagem por parte dos alunos (Tuyakova et al., 2022).

Em relação à gestão de pessoas, a inteligência emocional proporciona a consciência e a regulação emocional, aspectos que são fundamentais no processo de interação social entre um líder e seus liderados (Wong; Law, 2002). Nesse sentido, a autogestão emocional pode envolver intensificar, fingir ou suprimir emoções para modificar a expressão das emoções (Grandey, 2000).

A inteligência emocional, em um dos seus aspectos, representa a capacidade das pessoas de lidar com suas emoções (Salovey; Mayer, 1990), ou seja, engloba um conjunto de processos psicológicos conceitualmente relacionados envolvendo o processamento de informações afetivas para uma melhor decisão (Davies; Stankov; Roberts, 1998).

Mayer e Salovey (1990) conceituam a inteligência emocional como a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar as emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o estado emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

O primeiro elemento é a percepção emocional, que é a compreensão, identificação e avaliação das expressões das emoções em si mesmo e nas outras pessoas, a partir de uma

avaliação verbal e do comportamento não verbal. Consiste na capacidade do indivíduo se autoavaliar e compreender suas emoções profundas e de ser capaz de expressar essas emoções de forma natural (Zacher; Mckenna; Rooney, 2013).

A percepção não verbal inclui decifrar informações sociais, como as relações de poder e a intimidade, juntamente com o reconhecimento preciso da expressão emocional, é uma das habilidades específicas que podem ser consideradas fundamentais para a IE (Mayer; Roberts; Barsade, 2008).

O segundo elemento é facilitação emocional, isto é, o uso da emoção para facilitar o pensamento e o desempenho. Isso se relaciona com a capacidade dos indivíduos de fazer uso de suas emoções, direcionando-os para atividades construtivas e de desempenho pessoal (Zacher; Mckenna; Rooney, 2013), por exemplo, incluindo e excluindo emoções do pensamento, contribuindo para uma melhor tomada de decisão e para mudanças de comportamento (Mayer; Roberts; Barsade, 2008).

O terceiro elemento da IE é a compreensão emocional, isto é a capacidade de reconhecer e avaliar as emoções mento emocional dos outros. Segundo Zacher, McKenna e Rooney (2013), isso se relaciona com a capacidade das pessoas de perceber e entender as emoções das pessoas ao seu redor e aquelas pessoas que são altas nessa habilidade serão muito mais sensíveis aos sentimentos e emoções dos outros.

O quarto elemento da IE é o gerenciamento emocional, isto é, a regulação das emoções com o objetivo de melhorar os relacionamentos e alcançar os objetivos. A capacidade de regular os sentimentos e as emoções de uma maneira apropriada, por exemplo, possibilitará uma recuperação mais rápida do sofrimento psíquico (Zacher; Mckenna; Rooney, 2013). Essa capacidade de modificar o comportamento expressivo emocional de forma eficaz pode ajudar as pessoas a se adaptarem de forma flexível às demandas situacionais, estando associados à vários indicadores de bem-estar e sucesso (Côté; Gyurak; Levenson, 2010).

A proposição deste trabalho é que a inteligência emocional é preditora da felicidade, ou seja, pessoas que se conhecem e compreendem suas próprias emoções, entendem a manifestação das emoções e sentimentos das outras pessoas, conseguem gerir a manifestação dos sentimentos, a partir dos pensamentos, melhorando a performance pessoal em vários aspectos da vida, com isso, tendem a experimentar a felicidade.

Nesse sentido, Guerra-Bustamente et al (2019) analisaram a relação entre as dimensões de inteligência emocional (atenção, clareza e reparação) e felicidade em uma amostra de estudantes do ensino médio, com idade entre 12 e 17 anos, em oito escolas na Espanha e os resultados demonstram uma clara associação entre inteligência emocional e a felicidade, isto é, à medida que aumentam as capacidades de compreensão e regulação emocional dos adolescentes, aumenta também sua felicidade subjetiva. Ressalta-se o importante papel da regulação emocional, ou seja, a capacidade de modular comportamentos às situações, pois é um fator adicional associado à felicidade

2 A Felicidade Autêntica

A busca pela felicidade não é específica e exclusiva de nenhuma cultura ou sociedade, é uma busca universal de todo ser humano que anseia ser feliz. Ao longo da história, as pessoas estiveram unidas em sua busca pela felicidade, embora os caminhos que percorrem possam variar significativamente. Talvez a história humana seja, em sua essência, a história dessa busca. Apesar dessa busca persistente, muitas vezes ainda falta a felicidade, pelo menos para algumas pessoas (Aydin, 2012). Como visto, ser feliz é o anseio do ser humano. Mas, como ser feliz? O que é a felicidade?

Essa não é uma resposta simples, pois não há um único determinante para a felicidade, mas uma série de aspectos que parecem ser importantes ou que podem se associar a várias ocorrências gerando o bem-estar e a felicidade (Woyciekoski; Stenert; Hutz, 2012). A felicidade

é construída no processo da vida, no ambiente familiar, no ambiente social e no trabalho, envolvendo experiências de prazer e de propósito (Budde; Silva, 2020).

Na perspectiva de Lyubomirsky e Diener (2005), o conceito de felicidade corresponde a experiência frequente com as emoções positivas, em detrimento a uma baixa frequência de emoções negativas, segundo os autores, é o que promove pessoas felizes.

Woyciekoski, Stenet e Hutz (2012), afirmaram que a felicidade trata-se de um sentimento individual e subjetivo, que possui algumas variáveis como a satisfação com a vida e a vivência de afeto positivo, sendo reflexos de traços de personalidade, de fatores sociais, econômicos, culturais e dos acontecimentos vividos. Nesse sentido, a felicidade deixou de ser uma “questão de espírito” e passou a ser dependente de outros fatores da vivência humana, como classe social, nível de renda, clima do país e nível de emprego (Bensassoli, 2007).

A literatura apresenta duas perspectivas para a felicidade, a hedônica e eudaimônica (Seligman; Csikszentmihalyi, 2000; Ryan; Deci, 2001; Warr, 2007; Waterman Et Al., 2008; Ribeiro, Silva, 2018; Guerra-Bustamente et al. 2019), que são perspectivas importantes para compreensão da felicidade.

A perspectiva hedônica da felicidade condiz aos sentimentos de prazer vivenciados pelo indivíduo (Warr, 2007), também denominada com o bem-estar subjetivo, que é concebido como experiência cumulativa de afetos pela busca de prazer no tempo presente (Ribeiro; Silva, 2018), e ausência de afeto negativo (Guerra-Bustamente et al, 2019), associados à elementos extrínsecos ao indivíduo, ou seja, a felicidade é a somatória de momentos hedônicos experimentados (Ryan; Deci, 2001).

Nesse ponto de vista, Cloninger (2006) aponta que, se o dinheiro, o poder e a fama não ajudam as pessoas a serem mais felizes, o desenvolvimento do caráter pode fazê-lo. A felicidade de muitos depende da acumulação de renda, sucesso, *status* e poder, e isso os tornam seres infelizes. Não temos controle sobre as coisas externas a nós. Não há acumulação suficiente que possa saciar nossas aspirações; propriedade e desejo nunca se ajustam, exceto em equilíbrio instável.

A perspectiva eudaimônica da felicidade engloba o bem-estar psicológico que, por sua vez, está relacionado às experiências de realização pessoal, de se tornar o que se deseja ser e da expressão dos potenciais humanos, da busca pelo propósito e do sentido de vida (Ribeiro; Silva, 2018), em outras palavras, a felicidade está baseado na experiência interna de autovalidação (Warr, 2007), no qual a pessoa desenvolve plenamente seu potencial, consequência do pleno funcionamento psicológico (Guerra-Bustamente et al., 2019).

Nessa conjectura, quando as coisas estão indo bem, as pessoas podem utilizar todas suas potencialidades e recursos, na construção das relações sociais e saberes para uso futuro (Lyubomirsky; Diener, 2005), obtendo melhores resultados e tendo uma vida mais satisfatória.

O conceito de felicidade adotado nesse trabalho, é o a Teoria da Felicidade Autêntica de Martin Seligman (2002), que argumenta que a felicidade autêntica é resultante das experiências de vida, a partir de uma vida agradável, associada à prazeres e as emoções positivas; uma vida engajada no sentido de envolver com uma atividade plenamente, sem perceber o tempo passar, empregando suas forças e talentos em torno de um objetivo e a uma vida significativa ou vida com sentido maior. Para Schueller e Seligman (2010) a vida engajada e vida com significado, são os fatores mais importantes para a existência e a manifestação da felicidade.

Uma vida agradável consiste na vivência de emoções positivas como o prazer, o conforto, a alegria, a excitação, a satisfação. Uma vida engajada corresponde a integração e envolvimento, a partir do uso pleno das potencialidades humanas, com atividades que dão satisfação. Uma vida significativa consiste em pertencer e servir a algo que você acredita ser maior do que você (Scorsolini-Comim et al., 2014), se conectando com algo maior e que de sentido à vida.

3 Procedimentos Metodológicos

Para realização da pesquisa, adotou-se a revisão sistemática da literatura, que é um meio de identificar, avaliar e compreender as pesquisas e as investigações, a partir de um objeto de estudo, uma questão ou um fenômeno de pesquisa (Kitchenham, 2004), fornecendo insights por meio de síntese teórica (Tranfield; Denyer; Smart, 2003).

Visando responder ao objetivo proposto, buscou-se identificar artigos científicos publicados em duas importantes bases de dados, a Web of Science e a Scopus, que investigaram a inteligência emocional, durante o período de 10/07 a 12/07/2022.

Operacionalmente, inseriu-se a palavra-chave “emotional intelligence” no campo “article title, abstract, keywords” da base de dados Scopus e como resultado foram identificados 12.387 artigos que pesquisaram sobre inteligência emocional. O próximo passo foi restringir a pesquisa ao termo “happiness”, resultando em 1.375 artigos. Desses artigos, foram selecionados todos que tinham a palavra-chave “happiness” no título, o que resultou em 41 artigos que pesquisaram de forma integrada a inteligência emocional e a felicidade, encontrados na base de dados “Scopus”.

Na base de dados “Web of Science”, utilizando a palavra-chave “emotional intelligence” em todos os campos, foram encontrados 10.287 artigos. Consequentemente, restringiu-se a pesquisa ao termo “happiness”, encontrando 219 artigos. Desses artigos, foram selecionados todos que tinham a palavra-chave “happiness” no título, derivando o total de 43 artigos encontrados na base de dados Web of Science.

É importante destacar, que foi utilizado o filtro de restrição “article” e “review” nas bases de dados, no intuito de buscar publicações validadas por pareceristas.

Após essa busca inicial que resultou em 84 artigos nas duas bases de dados, foi feito um processo de comparação entre as publicações das duas bases, de forma que, foram excluídos da contagem para composição da amostra final dos artigos a serem analisados, os artigos bloqueados e com acesso indisponível e os artigos duplicados, isto é, publicados nas duas bases de dados, ou seja, foram “contados” apenas uma vez.

Para objeto de análise de conteúdo, foi realizada uma leitura minuciosa do título e das palavras-chaves, de forma que foram considerados para a análise apenas os artigos que tinham no título ou nas palavras-chaves, simultaneamente, “emotional intelligence” e “happiness” e com disponibilização de acesso completo, resultando em 32 publicações.

Entretanto, ao analisar os artigos, constatou-se que o artigo “A Perspective on Strategic Enrichment for Brain Development: Is This the Key to Animal Happiness?” de Campbell e Lee (2021), apesar de possuir os requisitos para inclusão na amostra, foi excluído pois o foco do artigo é o bem-estar e a felicidade animal e não humanos. Desta forma, a amostra final foi composta por 31 artigos.

Os artigos foram selecionados e classificados por:

- a) Classificação da pesquisa, procedimentos de pesquisa, setor pesquisado, modelo de inteligência emocional e modelo de felicidade (Quadro 2), construído com base no Quadro 1.

Classificação	Significado	Código
1	Classificação da Pesquisa	A- Qualitativa B- Quantitativa C- Mista
2	Procedimentos Técnicos da Pesquisa – por ter mais de um	A- Estudo de caso B- Survey C- Revisão de Literatura/Teórico D- Pesquisa Ação E- Longitudinal F- Transversal

		G- Experimental
3	Setor em que a pesquisa foi realizada	A- Hospital/Saúde B- Escola/Universidade C- Setor Público em geral D- Empresa Privada E- Empresa Público-Privada F- Segurança Pública G- Esporte H- Tecnologia I- Não se aplica J- Família K- População em geral
4	Modelo de Inteligência Emocional	-
5	Modelo de Felicidade	-

Quadro 1: Classificação dos artigos com base no métodos e construto

- b) Principais periódicos que publicaram artigos com os temas integrados (Quadro 3);
- c) Autores que mais proeminentes com os temas integrados (Quadro 4);
- d) Quantidade de publicações por ano (Quadro 5).

4 Resultados e Discussão

No Quadro 2, apresenta-se a classificação da metodológica das pesquisas e os principais modelos.

Autor	(1)	(2)	(3)	País	Modelo de Inteligência Emocional	Modelo de Felicidade
Millán-Franco et al. (2020)	B	E	B	Espanha	Trait Meta-Mood Scale-24 de Salovey et al. (1995)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Kwan e Kwok (2021)	B	F	B	China	Escala de Competência Emocional de Wong e Law (2002)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Tejada-Gallardo et al. (2020)	B	B	B	Espanha	Trait Meta-Mood Scale (TMMS) de Salovey et al. (1995)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Hajisabbagh et al. (2020)	C	G	A	Irã	Modelo próprio de IE	Oxford Happiness Questionnaire (OHQ)
Veloso-Besio et al. (2013)	B	B	B	Chile	Trait Meta-Mood Scale (TMMS) de Salovey et al. (1995)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Ghani et al (2020)	A	C	A, B	Inglaterra	-	-
Shaw (2021)	A	C	B	Inglaterra	-	-
Millán-Franco et al. (2021)	B	F, B	B	Espanha	Trait Meta-Mood Scale (TMMS) de Salovey et al. (1995)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Badri et al. (2021)	B	B	B	Inglaterra	Questionário de Inteligência emocional dos Traços (TEIQue-SF) de Petrides e Furnham (2003)	Oxford Happiness Inventory (OHI)

Sasanpour, Khodabakhshi, Kh (2012)	B	B	A, B	Irã	Modelo de Ie Bar-On de Ciarrochi, Forgas e Mayer (2001)	Oxford Happiness Questionnaire (OHQ)
Ye et al. (2019)	B	E	B	China	Modelo de Wong, and Song (2004)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Extremera et al. (2011)	B	B	B	Espanha	Trait Meta-Mood Scale (TMMS) de Salovey et al. (1995)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Zacher, McKenna, Rooney (2013)			B, D	Austrália Estados Unidos	Modelo de Wong e Law (2002)	Satisfação com a Vida (Diener et al. 1985) Afeto positivo de Mackinnon et l. (1999)
Blasco-Belled et al. (2020)	B	B	B	Espanha	Trait Meta-Mood Scale (TMMS) de Salovey et al. (1995)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Blasco-Belled et al. (2022)	B	B	B	Espanha	Trait Meta-Mood Scale (TMMS) de Salovey et al. (1995)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Kwok, Gu, Tam (2019)	B	B	B	China	Escala de Inteligência Emocional (EIS). De Schutte et al. (1998)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Kugbey et al. (2018)	B	B	B	Gana	Trait Emotional Intelligence Questionnaire – Short Form (TEIQueSF) (Petrides & Furnham, 2006)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Wahab (2022)	A	C	I	Malásia	-	-
Ghahramani et al. (2019)	B	F	B, A	Irã	Shering's Emotional Intelligence Questionnaires	Oxford Happiness Inventory (OHI)
Lesani et al. (2020)	B	F	J	Irã	Escala de Dificuldades na Regulação das Emoções (DERS). Tromso Social Intelligence Scale (TSIS)	Oxford Happiness Inventory (OHI)
Mérida-López et al. (2022)	B	F	B	Espanha	Escala de Inteligência Emocional (WLEIS) de Wong e Law (2002)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999).
Moutinho et al. (2019)	B	B	B	Portugal	TEIQue-SF (Trait-Emotional Intelligence Questionnaire - Short Version), Petrides e Furnham (2006)	Oxford Happiness Inventory (OHI)
Callea et al. (2019)	B	B	K	Itália	Escala de Inteligência Emocional (EIS). Schutte et al. (1998)	European Social Survey
Villagran e Martin (2021)	C	A B	B	Estados Unidos	Short Profile of Emotional	Satisfaction With Life Scale (SWLS)

					Competence (S-PEC).	
Arar e Öneren (2021)	B	B	B	Turquia	Escala de Wong e Law (2002)	Modelo de workplace happiness Apaydın (2011)
Abdollahi et al. (2019)	B	B	B	Malásia	Escala de Inteligência Emocional (EIS). Schutte et al. (1998)	Oxford Happiness Inventory (OHI)
Hafen, Singh, Laursen (2011)	B	B	B	Índia	<i>Inteligência de Emocional</i> de Austin et al. (2004).	Oxford Happiness Questionnaire (OHQ)
Lim, You, Há (2015)	B	B	B	Coreia do Sul	Trait Emotional Intelligence Questionnaire (TEIQUES-SF) de Petrides (2009)	Oxford Happiness Questionnaire (Hills e Argyle (2002)
Ruiz-Aranda, Extremera, Pineda-Galán (2014)	B	B	B	Espanha	Teste de Inteligência Emocional (MSCEIT), Mayer e Salovey (1997)	Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999)
Poormahmood et al. (2017)	B	F	B	Irã	psychological well-being	Oxford Happiness Scale
Karimi et al. (2020)	B	G	B, A	Irã	Modelo de Inteligencia emocional de Wong e Law (2002)	Fordyce happiness training

Quadro 2: Classificação metodológica e construtos
Fonte: dados da pesquisa

Os principais periódicos que publicaram artigos integrando a inteligência emocional e a felicidade foi o “Journal of Happiness Studies” com seis publicações, o que corresponde a quase vinte por cento da amostra. Os outros artigos estão pulverizados nos mais variados periódicos nas áreas de educação, pedagogia, religião, psiquiatria, medicina, psicologia, sustentabilidade, saúde pública, enfermagem e qualidade de vida (Quadro 3).

Journal	Frequência	%
Journal of Happiness Studies	6	19,35%
Applied Research in Quality of Life	2	6,45%
Outros periódicos com um artigo cada	23	74,20%
Total	31	100%

Quadro 3: Principais periódicos que publicaram artigos integrados entre inteligência emocional e felicidade

Os autores que mais investigaram a relação entre a inteligência emocional foram Ana Blasco-Belled, Carles Alsinet, Cristina Torrelles-Nadal e Natalio Extremera são todos de origem espanhola e são pesquisadores conjuntos dos mesmos artigos, com exceção de Extremera (Quadro 4).

Os países que mais publicaram artigos envolvendo os dois temas foram a Espanha com oito publicações Millán-Franco et al. (2020), Tejada-Gallardo et al. (2020), Extremera et al. (2011), Blasco-Belled et al. (2020), Mérida-López et al. (2022) e Ruiz-Aranda, Extremera, Pineda-Galán (2014), o Irã com seis publicações Hajisabbagh et al. (2020), Sasanpour, Khodabakhshi, Kh (2012), Ghahramani et al. (2019), Lesani et al. (2020), Poormahmood et al. (2017) e Karimi et al. (2020), Inglaterra com três publicações Ghani et al (2020), Shaw (2021)

e Badri et al. (2021), bem como a China com três Publicações Kwan e Kwok (2021), Ye et al. (2019), Kwok, Gu, Tam (2019).

Autor	Quantidade de artigo
Ana Blasco-Belled	3
Carles Alsinet	3
Cristina Torrelles-Nadal	3
Radosław Rogoza	2
Natalio Extremera	3
Alejandro Orgambidez Ramos	2
Laura Domínguez de la Rosa	2
Mario Millán-Franco	2
Sofía Louise Martínez-Martínez	2
Sylvia Y. C. L. Kwok	2

Quadro 4: Principais autores

No Quadro 5, destaca-se a evolução ano a ano das publicações integrando inteligência emocional e felicidade. Nota-se que o grande “boom” de publicações investigando a relação da inteligência emocional e a felicidade ocorreu a partir de 2019, sendo que as publicações entre 2019 e o fechamento desta pesquisa (julho de 2022), representam mais de 67% do total de publicações.

Se considerarmos somente o período de pandemia, as publicações envolvendo a integração da inteligência emocional com a felicidade representam em torno de 58%, dados que evidenciam que em um período conturbado e cheio de incertezas, carregado de medo e inseguranças, as pessoas precisaram, de alguma forma, anseiar por um tempo de esperança, confiar em algo maior, que desse sentido à vida, para que as pessoas continuassem lutando.

O aumento do número de publicações (Gráfico 1), evidencia que a felicidade é uma busca natural do ser humano e que a inteligência emocional é fundamental nesse processo.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	Total
Quantidade/ano	2	1	2	1	1	1	1	1	6	6	6	3	31
Percentual/ano	6,45	3,22	6,45	3,22	3,22	3,22	3,22	3,22	19,35	19,35	19,35	9,73	100%

Quadro 5: evolução das publicações

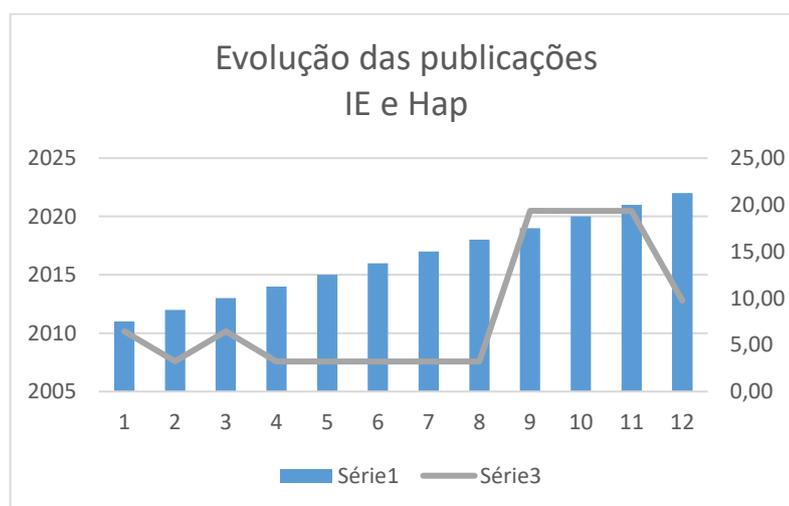


Gráfico 1: evolução das publicações

Na figura 1, apresenta-se a nuvem com as palavras-chaves mais utilizadas pelos autores, que foram “emotional intelligence” (repetiu em 34 artigos), “happiness” (22 repetições),

“subjective happiness” (7 repetições), life satisfaction (4 repetições), “subjective well-being” (3 repetições), “bifactor model” (3 repetições), “emotion” (3 repetições) e “teachers” (3 repetições). As outras que estão na figura 1 aparecerem em dois artigos cada.



Figura 1: Principais palavras-chaves identificadas.

Um aspecto interessante das publicações que é em sua grande maioria (83,87%) são publicações utilizando métodos quantitativos, há apenas três artigos com métodos qualitativos (Wahab, 2022; Shaw, 2021; Ghani et al., 2020) e dois artigos com métodos mistos (Villagran; Martin, 2021; Hajisabbagh et al., 2020). Isso mostra como a ciência precisa se debruçar e destrinchar qualitativamente e em entender como as variáveis dos modelos de inteligência emocional influenciam na percepção de felicidade.

Destaca-se também que a maioria (74,20%) das pesquisas realizadas envolvem estudos na área da educação, juntos à estudantes secundaristas, estudantes universitários, professores e profissionais que atuam na educação. Isso claramente se explica pela dificuldade que se tem de se fazer pesquisas quantitativas, de se conseguir amostras significativas, de se mobilizar e sensibilizar pessoas a participarem voluntariamente de pesquisas científicas.

Desta forma, acredita-se que a escolha do público participante nas pesquisas de inteligência emocional e felicidade serem área de saúde e educação é em razão dos pesquisadores estarem próximos dos estudantes, o que facilita o processo de participação nas pesquisas e na coleta de dados. Além disso, quatro artigos realizaram pesquisas envolvendo o ambiente da educação e o da saúde de forma simultânea (Ghani et al. 2020; Sasanpour, Khodabakhshi, Kh, 2012; Ghahramani et al. 2019; Karimi et al. 2020).

Os modelos de pesquisa de inteligência emocional mais proeminente identificados são o “Trait Meta-Mood Scale (TMMS)” de Salovey et al. (1995), utilizado por 22,5% dos pesquisadores (sete artigos), em segundo lugar ficou o modelo de Wong e Law (2002) com 13,12% das publicações (cinco artigos) e em terceiro ficou o modelo “Trait Emotional Intelligence Questionnaire – Short Form (TEIQueSF)” de Petrides e Furnham (2006) com 12,90%, o que representa quatro publicações.

O modelo de inteligência emocional “Trait Meta-Mood Scale (TMMS)” de Salovey et al. (1995), avalia a atenção às próprias emoções e os sentimentos, a clareza que é a compreensão do estado emocional e a reparação que é a capacidade de regulação emocional. Apesar da pesquisa de Salovey et al. (1995), ser o modelo de IE ser o mais utilizado, mais tarde, Mayer e

Salovey (1997), complementam o modelo, integrando mais um aspecto, que é o uso das emoções para facilitar o pensamento.

O “Emotional Intelligence Scale (WLEIS)” de Wong e Law (2002) mensura quatro dimensões, isto é, avaliação e compreensão das emoções próprias, a compreensão das emoções das outras pessoas, uso da emoção para melhorar o desempenho, a regulação da emoção, possibilitando o controle emocional e a mudança rápida de estados emocionais.

Já o modelo Trait Emotional Intelligence Questionnaire – Short Form (TEIQueSF) de Petrides e Furnham (2006), apresentando quatro dimensões: bem-estar, autocontrole, emocionalidade e sociabilidade.

Os modelo teórico de felicidade mais utilizados pelos autores são o Subjective Happiness Scale (SHS) de Lyubomirsky, Lepper (1999), representando 41,9% dos modelos de felicidade utilizados nas publicações (13 artigos) e em segundo lugar, os modelos de Oxford Happiness Inventory (OHI) (05 artigos) de Argyle, Martin e Crossland (1989) e Oxford Happiness Questionnaire (OHQ) (05 artigos) de Argyle, Martin, and Lu (1995), representando 32,2% dos modelos de felicidade utilizados nas publicações (10 artigos). Os modelo de OHI foi desenvolvido por Argyle, Martin e Crossland (1989) na década de 1990 como uma ampla medida de mensuração de felicidade pessoal, sendo revisado e aprimorado por Argyle, Martin e Lu (1995), que reduziram a quantidade de assertivas, chegando ao modelo OHQ (HILLS; ARGYLE, 2002).

O modelo de felicidade de Lyubomirsky, Lepper (1999) se baseia em uma escala de sete pontos, com extremos variando em “muito” ou “nada”, com apenas quatro assertivas, na qual o respondente avalia conforme sua percepção

1) Em geral, considero-me:

- uma pessoa não muito feliz 1 2 3 4 5 6 7 uma pessoa muito feliz

2) Comparado com a maioria dos meus pares, eu me considero:

- menos feliz 1 2 3 4 5 6 7 mais feliz

3) Algumas pessoas são geralmente muito felizes. Eles aproveitam a vida independentemente do que está acontecendo, tirando o máximo proveito de tudo. Até que ponto essa caracterização descreve você?

- nada 1 2 3 4 5 6 7 muito

4) algumas pessoas geralmente não são muito felizes. Embora não estejam deprimidos, nunca parecem tão felizes quanto poderiam estar. Até que ponto essa caracterização descreve você?

- nada 1 2 3 4 5 6 7 muito

Vale destacar que em muitos artigos, a relação entre a inteligência emocional não é uma relação direta com a felicidade, depende de outros fatores com a satisfação com a vida (Zacher, Mckenna, Rooney, 2013; Blasco-Belled Et Al. 2020; Villagran, Martin, 2021; Ruiz-Aranda, Extremera, Pineda–Galán, 2014), O Afeto Positivo (Zacher, Mckenna, Rooney, 2013), de orientação para a vida (Blasco-Belled et al. 2020), da percepção de stress (Mérida-López Et Al. 2022; E Poormahmood et al. 2017), do apoio emocional dos pais e da autoestima (Lim, You, Há, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo proposto, pode-se afirmar que a inteligência emocional é preditora da felicidade. Na maioria dos artigos analisados, pode-se constatar que a inteligência emocional é um requisito fundamental para gerar a experiência de felicidade.

Desta forma, pode-se afirmar que um indivíduo precisa perceber e interpretar suas emoções, para ser capaz de expressá-las de forma apropriada dentro de um contexto social, a fim de construir relacionamentos saudáveis, modificando comportamentos para se ajustar as

demandas, além de reconhecer as necessidades emocionais dos outros, como sensibilidade e empatia, poderá experimentar a plena felicidade, com uma vida agradável, engajada em atividades as quais pode colocar sua plena potencialidade e experimentando uma vida significativo. Em contrapartida, um indivíduo com pensamentos e sentimentos negativos em relação a si mesmo e aos outros, dificilmente, terá energia e forças para buscar a felicidade.

Como limitação, destaca-se que este artigo não tem a intenção de finalizar as discussões envolvendo os temas inteligência emocional e felicidade, contudo tem algumas limitações, por exemplo, a partir da estratégia adotada de pesquisa, que levantou apenas “article” e “review” para composição da amostra. Consequentemente, livros, capítulos de livros, teses, dissertações e outro tipo de publicação não foram considerados. A justificativa para restringir para “article” e “review” é que esse tipo de publicação passa pelo crivo meritório de pareceristas, isto é, outros pesquisados com expertise no tema.

Os achados indicam uma série de lacunas, que são apresentadas como uma agenda de pesquisa, os quais os pesquisadores precisam avançar:

- Em pesquisas qualitativas, utilizando métodos como o estudo de caso, com técnicas como a observação e a entrevista são bem-vindas para avaliação de como a inteligência emocional influencia na percepção de felicidade;
- Em pesquisas quantitativas em outros setores, diferentes da educação e saúde, como a segurança pública, nas igrejas e nas empresas privadas;
- Na realização de call for papers, no sentido dos periódicos de negócios e gestão incentivarem pesquisas envolvendo a gestão subjetiva de pessoas, como a inteligência emocional, o bem-estar e a felicidade no trabalho;
- Avaliando como é a percepção de felicidade em países subdesenvolvidos;
- Mensurando como a inteligência emocional influencia na felicidade para promover a satisfação com a vida.

Referências

- ABDOLLAHI, A.; HOSSEINIAN, S.; PANAHIPOUR, H.; SOHEILI, M. N. F. Emotional intelligence as a moderator between perfectionism and happiness **School Psychology International**, v. 40, n. 1, p. 88–103, 2019
- ARAR, T.; ÖNEREN, M. Role of Emotional Intelligence and Work-Life Balance in Relationship between Workplace Happiness and Perceived Performance in Academic Setting. **Ege Akademik Bakış / Ege Academic Review**, v. 21, n.4, p.391-406, 2021
- ARGYLE, M.; MARTIN, M.; CROSSLAND, J. Happiness as a function of personality and social encounters. In J. P. Forgas, & J. M. Innes(Eds.), **Recent advances in social psychology: An International perspective** (p.189-203). North-Holland: Elsevier, 1989.
- ARGYLE, M.; MARTIN, M.; LU, L. Testing for Stress and Happiness: The Role of Social and Cognitive Factors. In C. D. Spielberger, & I. G. Sarason (Eds.), **Stress and Emotion** (p. 173-187). Washington DC: Taylor & Francis, 1995.
- AYDIN, N. A grand theory of human nature and happiness. **Humanomics**, v. 28, n. 1, p. 42-63, 2012.
- BADRI, S. K. Z.; KONG, M.Y.; YUNUS, W. M.A.W.M.; NORDIN, N.A.; YAP, W. M. Trait Emotional Intelligence and Happiness of Young Adults: The Mediating Role of Perfectionism. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 10800, 2021
- BENDASSOLLI, P. F. Felicidade e trabalho. **GV Executivo**, v. 6, n. 4, p. 57-61, 2007.

- BLASCO-BELLED, A.; ROGOZA, R.; TORRELLES-NADAL, C.; ALSINET, C. Emotional Intelligence Structure and Its Relationship with Life Satisfaction and Happiness: New Findings from the Bifactor Model. **Journal of Happiness Studies**, v. 21, p.2031-2049, 2020
- BLASCO-BELLED, A.; ROGOZA, R.; TORRELLES-NADAL,C.; ALSINET, C. Differentiating Optimists from Pessimists in the Prediction of Emotional Intelligence, Happiness, and Life Satisfaction: A Latent Profile Analysis. **Journal of Happiness Studies**, v. 23, p.2371-2387, 2022
- BUDDE, C.; SILVA, N. Impactos na percepção de felicidade no trabalho após um processo de redução nas políticas e nas práticas de gestão de pessoas. **Psicología desde el Caribe**, v. 37, n. 1, p. 40-69, 2020.
- CALLEA, A.; ROSA, D.D.; FERRIG,.; LIPARI,F.; COSTANZI, M. Are More Intelligent People Happier? Emotional Intelligence as Mediator between Need for Relatedness, Happiness and Flourishing. **Sustainability**, v.11, n. 4, 1022; 2019
- CLONINGER, C. R. The Science of well-being: na integrated approach to mental health and its disorders. **World Psychiatry**, v.5, p.71-76, 2006
- CÔTÉ, S.; GYURAK, A.; LEVENSON, R. W. The ability to regulate emotion is associated with greater well-being, income, and socioeconomic status. **Emotion**, v. 10, n.6, p. 923-933, 2010.
- DAVIES, M.; STANKOV, L.; ROBERTS, R. D. (1998). Emotional intelligence: In search of an elusive construct. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 75, n. 4, p. 989-1015, 1998.
- EXTREMERA, N.; SALGUERO, J.M.; FERNÁNDEZ-BERROCAL, P. Trait Meta-Mood and Subjective Happiness: A 7-week Prospective Study. **J Happiness Stud**, v. 12, p. 509-517, 2011
- GHAHRAMANI, S.; JAHROMI,A.T.; KHOSHSOROOR, D.; SEIFORIPOUR,R.; SEPEHRPOOR, M. The relationship between emotional intelligence and happiness in medical students. **Korean J Med Educ**, v. 31, n. 1, p.29-38, 2019.
- GHANI, S. A.; SALAM, M.A.U.; OYEKWE, G. C.; CHOUDHURY, S. R. How can educators improve the perception of happiness for pre-clinical medical students? **BMC Medical Education**, v. 20, n.291, 2020
- GRANDEY, A. A. Emotional regulation in the workplace: A new way to conceptualize emotional labor. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 5, n.1, p.95-110, 2000.
- GUERRA-BUSTAMANTE, J.; LEÓN-DEL-BARCO, B.; YUSTE-TOSINA, R.; LÓPEZ-RAMOS, V. M.; MENDO-LÁZARO, S. Emotional Intelligence and Psychological Well-Being in Adolescents, **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 16, n. 10, 1720, 2019.
- HAFEN, C. A.; SINGH, K.; LAURSEN, B. The Happy Personality in India: The Role of Emotional Intelligence. **J Happiness Stud**, v. 12, p. 807-817, 2011.
- HAJISABBAGH, N.; FERREIDOOONI-MOGHADAMA, M.; MASOUDI, R.; ETEMADIFAR, M. The effect of an emotional intelligence component program on happiness in patients with epilepsy. **Epilepsy & Behavior**, v. 106, 2020
- HILLS, P.; ARGYLE, M. The Oxford Happiness Questionnaire: a compact scale for the measurement of psychological well-being. **Personality and Individual Differences**, v. 33, p. 1073-1082, 2002.
- KARIMI, E.; GHAEMI, S.Z.; FOROUHARI, S.; ABBASI, Z.; NOURIMAND, F. The Effectiveness of Fordyce Happiness Program on Nursing Students Emotional Intelligence. **Pakistan Journal Of Medical & Health Sciences**, v. 14, n. 1, 2020

KITCHENHAM, B. **Procedures for performing systematic reviews**. Keele, UK, Keele University, v. 33, n. 2004, p. 1-26, 2004.

KUGBEY, N.; ATEFOE, E.A.; ANAKWAH, N.; NYARKO, K.; ATINDANBILA, S. Emotional intelligence and personal growth initiative effects on subjective happiness among university students, **Journal of Psychology in Africa**, v. 28, n. 4, p. 261-266, 2018

KWAN, C. K.; KWOK, S. Y. The Impact of Childhood Emotional Abuse on Adolescents' Subjective Happiness: the Mediating Role of Emotional Intelligence. **Applied Research in Quality of Life**, v. 16, n.6, p. 2387-2401, 2021

KWOK, S. Y. C. L.; GU, M.; TAM, N. W. Y. A Multiple Component Positive Psychology Intervention to Reduce Anxiety and Increase Happiness in Adolescents: The Mediating Roles of Gratitude and Emotional Intelligence, **Journal of Happiness Studies**, v. 23, n.5, p.2039-2058, 2022

LESANI, M. D.; MAKVANDI, B.; NADERI, F.; HAFEZI, F. Relationship of Self-Differentiation and Social Intelligence with Happiness by Mediating Role of Difficulty in Cognitive Emotion Regulation Among Female-Headed Households. **Middle East J Rehabil Health Stud.**, v. 7, n.3, p. 1-7, 2020

LIM,S.A.; YOU,S.; HÁ, D. Parental Emotional Support and Adolescent Happiness: Mediating Roles of Self-Esteem and Emotional Intelligence, **Applied Research Quality Life**, v. 10, p. 631-646, 2015

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H.S. A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v.46, n.2, p.137-155, 1999

LYUBOMIRSKY, S.; KING, L.; DIENER, E. The Benefits of Frequent Positive Affect: Does Happiness Lead to Success? **Psychological Bulletin**, v. 131, n. 6, p. 803-855, 2005.

MAYER, J. D.; SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In.: P. Salovey & D. J. Sluyter (Eds.), **Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators** (p. 3-31). New York: Basic Books, 1997

MAYER, J. D.; ROBERTS, R. D.; BARSADE, S. G.; Human Abilities: Emotional Intelligence, **Annual Review of Psychology**, v. 59, p. 507-536, 2008.

MÉRIDA-LÓPEZ,S.; QUINTANA-ORTS,C.; REY, L.; EXTREMERA, N. Teachers' Subjective Happiness: Testing the Importance of Emotional Intelligence Facets Beyond Perceived Stress. **Psychology Research and Behavior Management**, v. 15, p. 317-326, 2022

MILLÁN-FRANCO, M.; ORGAMBÍDEZ R. A. ; DE LA ROSA, D. L.; MARTÍNEZ, S. L. M. Emotional intelligence and subjective happiness in social work students. **Alternativas: Cuadernos de Trabajo Social**, v. 27, p.117-132, 2020

MILLÁN-FRANCO,M.; RAMOS, A. O.; DE LA ROSA,L.D.; MARTÍNEZ-MARTÍNEZ, S. L. Emotional competence as a predictor of happiness in social workers. **Interdisciplinaria**, n. 2, p. 259-274, 2021

MOUTINHO, H. A.; MONTEIRO, A.; COSTA, A.; FARIA, L. The Role of Emotional Intelligence, Happiness and *Flow* on Academic Achievement and Subjective Well-Being in the University Context. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica**, v. 3, n. 52, p. 99-114, 2019

PETRIDES, K. V.; FURNHAM, A. The Role of Trait Emotional Intelligence in a Gender-Specific Model of Organizational Variables. **Journal of Applied Social Psychology**, v.36, n.2, p.552-569, 2006.

- POORMAHMOOD, A.; MOAYEDI, F.; HAJI, A.K. Relationships between psychological well-being, happiness and perceived occupational stress among primary school teachers. **Archives Of Hellenic Medicine**, v. 34, n. 4, p. 504-510, 2017
- PREMUZIC-CHAMORRO, T.; BENNETT, E.; FURNHAM, A. The happy personality: Mediational role of trait emotional intelligence. **Personality and Individual Differences**, v. 42, n. 8, p.1633-1639, 2007.
- RIBEIRO, A. D. S.; SILVA, N. Significados de Felicidade orientados pela Psicologia Positiva em Organizações e no Trabalho. **Psicología Desde El Caribe**, v. 35, n.1, p. 60-20, 2018
- RUIZ-ARANDA, D.; EXTREMERA, N.; PINEDA-GALÁN, C. Emotional intelligence, life satisfaction and subjective happiness in female student health professionals: the mediating effect of perceived stress. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing**, v. 21, p. 106-113, 2014
- RYAN, R. M., DECI, E. L. On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. **Annual Review of Psychology**, n. 52, p. 144-166, 2001.
- SALOVEY, P.; MAYER, J. D.; GOLDMAN, S. L.; TURVEY, C.; PALFAI, T. P. Emotional attention, clarity, and repair: Exploring emotional intelligence using the Trait Meta-Mood Scale. In: J. W. Pennebaker (Ed.), **Emotion, disclosure, & health**. American Psychological Association, p. 125-154, 1995
- SALOVEY, P.; MAYER, J. Emotional Intelligence. **Imagination, Cognition and Personality**, v. 9, n.3, p. 185-211, 1990
- SASANPOUR, M.; KHODABAKHSHI, M; KH, N. The Relationship between Emotional Intelligence, Happiness and Mental Health in Students of Medical Sciences of Isfahan University. **International Journal of Collaborative Research on Internal Medicine & Public Health**, v. 4, n.9, p.1614-1620, 2012
- SCHUELLER, S. M.; SELIGMAN, M. E. P. Pursuit of pleasure, engagement, and meaning: Relationships to subjective and objective measures of well-being. **Journal of Positive Psychology**, v. 5, n. 4, 2010.
- SCORSOLINI-COMIN, F.; FONTAINEB, A. M. G. V.; KOLLERC, S. H.; SANTOS, M. A. From Authentic Happiness to Well-Being: The Flourishing of Positive Psychology. **Psicologia: Refl exão e Crítica**, v. 26, n. 4, p.663-670, 2013.
- SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: An introduction. **American Psychologist**, v.55, n.1, p.5-14, 2000.
- SHAW, T. How to strive for success, happiness, fulfilment and impact: a personal manifesto. **Insights**, v. 34, 2021
- TEJADA-GALLARDO, C.; BLASCO-BELLED, A.; TORRELLES-NADAL, C.; ALSINET, C. How does emotional intelligence predict happiness, optimism, and pessimism in adolescence? Investigating the relationship from the bifactor model. **Current Psychology**, 2020
- TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review, **British Journal of Management**, v.14, p.207-222, 2003.

TUYAKOVA, U.; BAIZHUMANOVA, B.; MUSTAPAEVA, T.; ALEKESKOVA, L.; OTARBAEVA, Z. Developing emotional intelligence in student teachers in universities. **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 9, n. 155, 2022.

VELOSO-BESIO, C.; CUADRA-PERALTA, A.; ANTEZANA-SAGUEZ, I.; AVENDAÑO-ROBLEDO, R.; FUENTES-SOTO, L. Relationship between Emotional Intelligence with Life Satisfaction, Subjective Happiness and Resilience in Special Education employees. **Estudios Pedagógicos**, n. 2, p.355-366, 2013

VILLAGRAM, M. A.L.; MARTIN, L. Academic librarians: Their understanding and use of emotional intelligence and happiness. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 48, n.1, 2022

WAHAB, M. A.B. Islamic Spiritual and Emotional Intelligence and Its Relationship to Eternal Happiness: A Conceptual Paper. **Journal of Religion and Health**, 2022

WARR, P. B. **Work, happiness and unhappiness**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

WATERMAN, A. S.; SCHWARTZ, S. J.; CONTI, R. The implications of two conceptions of happiness (hedonic enjoyment and eudaimonia) for the understanding of intrinsic motivation. **Journal of Happiness Studies**, v.9, n.1 p.41-79, 2008

WONG, C.S.; LAW, K. S. The effects of leader and follower emotional intelligence on performance and attitude: An exploratory study. **The Leadership Quarterly**, v. 13, n. 3, p. 243-274, 2002.

WOYCIEKOSKI, C.; STENERT, F.; HUTZ, C. S. Determinantes do bem-estar subjetivo. **Psico**, v.42, n. 3, p. 280-288, 2012.

WRIGHT, T. A.; CROPANZANO, R. The role of psychological well-being in job performance: a fresh look at an age-old quest. **Organizational Dynamics**, v. 33, n. 4, 2004.

YE, J.W.; YEUNG, D.Y.; LIU, E. S. C.; ROCHELLE, T. L. Sequential mediating effects of provided and received social support on trait emotional intelligence and subjective happiness: A longitudinal examination in Hong Kong Chinese university students, **International Journal of Psychology**, v. 54, p. 4, p.478-486, 2019.

ZACHER, H.; MCKENNA, B.; ROONEY, D. Effects of Self-Reported Wisdom on Happiness: Not Much More Than Emotional Intelligence? **Journal of Happiness Studies**, v. 14, p. 1697-1716, 2013.

ZACHER, H.; MCKENNA, B.; ROONEY, D. Effects of Self-Reported Wisdom on Happiness: Not Much More Than Emotional Intelligence? **J Happiness Stud**, v. 14, p. 1697-1716, 2013.